

Além dos dois capitéis foram achados pelos trabalhos da S. A. L., os seguintes objectos nos diferentes compartimentos do prédio:

- a) Três lucernas de barro ordinário¹.
- b) Um objecto de osso.
- c) Um fragmento de agulha metálica de fazer rede (naveta).
- d) Duas mós de moinho de mão (*mola manuaría*).
- e) Uma ânfora, cilíndrica.
- f) Outra ânfora, cónica.
- g) Parte de cornija de mármore branco de Estremoz.
- h) Várias moedas imperiais: de Corus (282 a 283), Alexandre (310 a 311), Constantino Magno (306 a 337), Decentus (351) e Constantino (407 a 411)².

A paisagem que se podia observar da janela com lintel de volta inteira que deitava para o Sado seria igual à que se disfrutava da janela tripartida da casa C de W. (Fig. 34).

(Continua).

A. I. MARQUES DA COSTA.

Castros lusitanicos

I

Cidade de Paderne

I. Pesquisas feitas em 1903:

Na freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, ha um lugarejo de meia duzia de casas, chamado *a Cidade*, que fica entre Crastos e o Pêso, dois outros lugares, e nas abas de um monte, o *Côto Grande*, onde o povo diz que fica a *cidade dos Moiros*, por aí terem aparecido várias antigualhas.

Sabendo eu d'isto em Agosto de 1903, por ocasião de estar a veraneiar na Quinta do Pêso, onde brotam as famosas aguas minerais de Melgaço, e onde ha um hotel, resolvi visitar o monte, e aproveitei para a visita a companhia do meu amigo D.^{or} António de Pinho, advogado em Monção, e rebuscador, como eu, de cousas velhas, o qual tambem ao tempo estava no Pêso.

¹ Vid. *Diário da 4.^a semana da S. A. L.*, in *Revista Popular*, n.^o 12, de 1850, p. 94.

² Vid. *Diário da 2.^a semana da S. A. L.*, in *Revista Popular*, n.^o 9, de 1850, p. 7.

Subimos de facto ao monte: o local em que me informaram que se descobriram as antigualhas chama-se também *Cividade*, e está cortado de todos os lados, e sempre a pique, porém menos ao Nascente e ao Sul, em que os trabalhos agrários vão fazendo diminuir o declive; foi de certo talhado em parte artificialmente, para que ficasse mais ingreme. Do lado do Pêso os primitivos habitantes até abriram fossos. Do lado da *Cividade* ha aterros e vestígios de muralha antiga de pedra, de 1^m,58 *plus minus* de largura, e rasa com o chão, ao pé de um caminho. Em baixo passam dois ribeiros: o *rigueiro do Porto do Rio*, ou *Bota-Fôra*, ao Poente, e o *rigueiro de Martingo*, ao Nascente, o primeiro com a sua nascente em Pomares, freguesia de Paderne, o segundo na serra de Pimedêlo (Fig. 1:



Fig. 1

esquema da situação dos *rigueiros*, ou *regueiros*, como também se diz)¹. Pelo monte vimos várias antigualhas: cacos de aspecto romano; pedras graniti-



Fig. 2

cas insculptadas; e mós de dois tipos: excavadas, para movimento de vai-vem, que devia executar-se com um rebôlo, por exemplo, uma de 0^m,28 de maior diametro, e 0^m,08 de fundo, da qual se dá um esquema na fig. 2; mós do tipo das *molae manuariae* («mó dormente», ou *meta*, e «andadeira», ou *catillus*), mas baixinhas e pequenas: diametro de 0^m,27 a 0^m,34; vid. um esquema na fig. 3 (granito). Um camponio disse-nos que uma vez appareceu uma perna de pedra e respectivo pé, na flexão; quebraram-na para a meterem na estrada!

Estas singelas indicações, bem como o nome de *Cividade*, e a sua relação lendaria com os Mouros, mostram immediatamente que estamos

¹ Os campos que marginam o rigueiro do Porto do Rio, á direita, chamam-se assim mesmo, e foram eles que deram nome ao rigueiro; *Porto* quer aqui dizer garganta de monte. Os campos que o marginam á esquerda chamam-se *Sudros*. Este rigueiro tem uma ponte ao pé do hotel da Quinta do Pêso, e outra mais adiante; junta-se com o Martingo, e ambos juntos vão desagoar no Rio Minho.

diante de um castro. Chamá-lo-hei *castro da Cidade de Paderne*, ou simplesmente *Cidade de Paderne*.

O local das ruínas, semeado de pinhal, pertence a varios donos, e não se torna pois facil excavá-lo. Contudo tentei fazer aí na mesma



Fig. 3

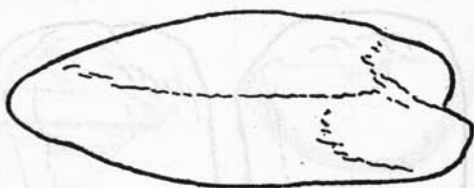


Fig. 4



Fig. 5

ocasião algumas pesquisas, socorrendo-me do D.^{or} Pinho, que sem dificuldade conseguiu que eu obtivesse licença para elas.

Realizei tres perfunctorias excavações (nem o tempo, nem as forças pecuniarias do Museu Etnologico chegavam para mais!): uma no *pinhal do Baltasar*; outra na bouça de *Manuel Fernandes*, de Chaviães, que é atravessada pelo caminho de que já falei, e que liga o castro com a Cidade; outra na mesma furna.

1. A excavação feita no pinhal do Baltasar não passou de uma sanja de 0^m,64 de profundidade. Aí encontrei o seguinte:

a) tres mós, um pouco excavadas, no gôsto da que fica desenhada na fig. 2; vieram duas para o Museu, que tambem aqui se desenham: fig. 4, de 0^m,225 de comprimento e 0^m,140 de largura; fig. 5, de 0^m,220 de comprimento e 0^m,130 de largura;

b) uma pedra pequena de 0^m,136 de comprimento, de 0^m,080 de largura e 0^m,070 de altura, alisada por dois lados: de um serviu de mó e de outro de *amoladoura* ou pedra de amolar. Vid. fig. 6 (dos dois lados);

c) um exemplar completo de *mola manuarial*, semelhante ao da fig. 3;

d) tres pedras do feitio representado nas figs. 7, 8 e 9, com as dimensões lá indicadas. Estas pedras formariam parte de alguma construção.

N. B. Todos os objectos até aqui mencionados são de granito.

e) dois meios-«cossoiros» (*verticilli*) de barro (pesos de fuso) de fôrma cilíndrica, que vão desenhados nas figs. 10 e 11 (tamanho natural);

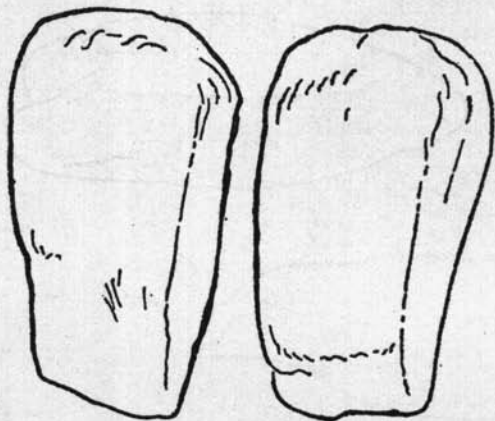


Fig. 6

f) Uma pedra granítica de 0^m,41 de altura, 0^m,20 de largura e 0^m,10 de espessura, com um orifício na extremidade, se-

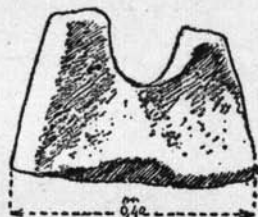


Fig. 7

melhante a uma de Santa Luzia, que foi publicada n-*O Arch. Port.*, VIII, 20, fig. 8 d'esse artigo;

g) Um disco de barro mal talhado, e com um começo de orifício ao centro: fig. 12 (tamanho natural);

h) Outro objecto de barro, não de fôrma de disco, mas com a fôrma representada na fig. 13 (tamanho natural);

i) muitos fragmentos ceramicos, uns da epoca romana (fundos, asas e gargalos de anforas, e fragmentos de tegulas), outros mais antigos, e alguns d'estes com ornatos incisos: figs. 14 a 19.

2. Da excavação que fiz no caminho que atravessa a bouça de Manuel Fernandes resultou o descobrirem-se os alicerces de uma casa de base arredondada (fig. 20) de 2^m,20 de raio; o que restava da parede tinha num sitio a altura de 0^m,11, noutro a de 0^m,18, noutros altura intermédia. A parede, com a espessura média de 0^m,67, era construída de pedras pequenas, nenhuma d'elas aparelhada, mas com a parte mais plana voltada para o interior da casa; não formavam fiada, estavam dispostas irregularmente, e ligadas entre si por barro areento (não cal). No que digo refiro-me só ao lado interno e superior da parede, e não ao externo, pois a casa não foi excavada pelo lado de fóra. Representando pela fig. 21 (esquemática) um corte horizontal da casa, junto do solo, vemos na parede, em *a-b*, uma interrupção, que não póde ser de porta, mas é simplesmente uma

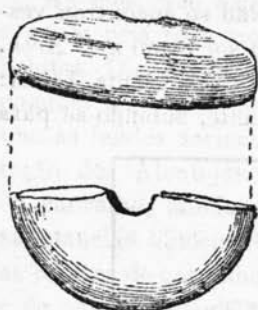


Fig. 10



Fig. 13



Fig. 17

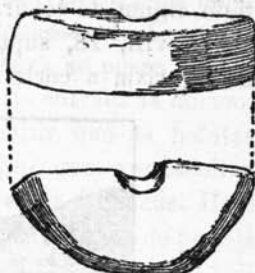


Fig. 11



Fig. 8

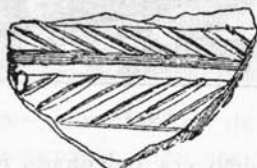


Fig. 16



Fig. 12

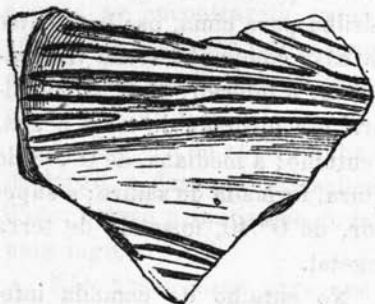


Fig. 18

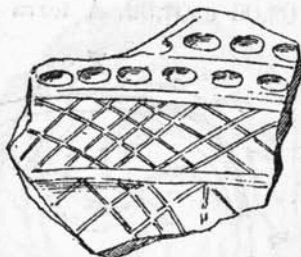


Fig. 14



Fig. 15



Fig. 9



Fig. 19

falha. No mais a parede é sempre contínua. Não se encontrou vestígio algum de soleira. A entrada da casa devia ser como n-*O Arch. Port.*, VIII, 18, supus que seriam as das casas de Santa Luzia: começariam a certa altura do terreno circundante, subindo-se para

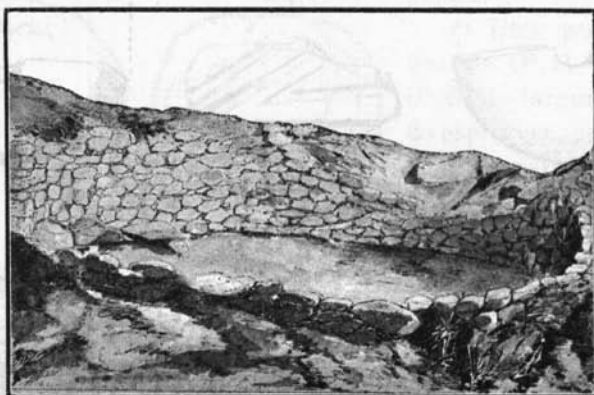


Fig. 20

dentro por escadas. O chão era ladrilhado com pedras toscas, que faltavam em alguns sitios; as pedras do ladrilho, de uns 0^m,18 de espessura, começavam de baixo da parede. A maior altura do que restava d'esta, contada do ladrilho para cima, oscilava entre 0^m,06 e 0^m,32. A terra que enchia a casa compunha-se de tres camadas: a inferior, de 0^m,52 de altura, era formada de terra negra, e entulho; a mediana, de 0^m,88 de altura, formada de saibro; a superior, de 0^m,40, formada de terra vegetal.

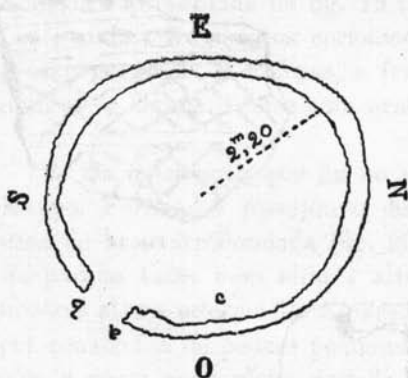


Fig. 21

No entulho da camada inferior da casa appareceu o seguinte: fragmentos indecifráveis de instrumentos de cobre e de ferro; torrões negros; landes torradas, e grãos de trigo queimados; fragmentos de vasilhas de barro de caracter

arcaico; uma mó chata, de granito; meio-cossoiro de barro, que supponho pre-romano. Todo o entulho foi crivado. Quanto às duas camadas superiores, só mandei crivar parte, por aí apparecerem poucos cacos. Junto do ladrilho, em c, estavam várias pedras queimadas, e alguns cacos de vasilhas grandes; seria aí a cozinha?

As mós, que acima vimos que se haviam descoberto no castro, serviam pois para moer trigo, e talvez também servissem para moer bolotas. Diz Estrabão, III, III, 7, que os montanhese da Lusitania comiam um pão feito de landes torradas¹; embora se possa pensar que as landes seriam de azinho, como as que hoje entram na alimentação dos Alentejanos, não seria absurdo admitir que as bolotas de carvalho, moidas, e misturadas, por exemplo, com verdadeiras substancias alimenticias, servissem de comestivel na Cividade. Hoje as bolotas de carvalho só se utilizam, entre nós, na engorda de porcos e de outros animais.

Por todo o entulho, em certos sitios, havia terra queimada e carvão vegetal, o que levaria a crer que a casa foi destruida por incendio. Apesar do que disse do uso das bolotas, podia a carbonização das do castro ser devida, como a do trigo, a este incendio.

A casa fica a uns doze metros de distancia da muralha de que acima falei.

3. Como alguém me informasse de que na Cividade havia uma furna, visitei-a para a excavar. Não era propriamente furna, mas lapa, ou abrigo, formado por uma fenda de granito, e de chão natural e saibrento. Estava cheia de pedras e terra. Mande-i-a excavar: apenas se encontraram cacos de caracter arcaico, isto é, dos que costumam aparecer nos castros. O povo conta que ha vinte anos apareceu ali ouro. Sempre o ouro!

A abertura do abrigo tinha uns 0^m,58 de largo, e ficava 1^m,02 acima do chão d'ele; esteve primitivamente tapada com uma lage.

Não posso dizer para que isto servisse.

II. Insculturas graníticas:

Os habitantes da povoação vizinha á Cividade, quando andam a trabalhar ou á lenha, encontram pelo monte várias pedras com insculturas, como as que vão representadas nas figs. 22, 23 e 24, que adquiri



Fig. 22

¹ Cf. *Religiões*, II, 91.

para o Museu no mesmo ano das excavações (1903); a primeira d'elas (suástica flamejante) foi já fotografada nas *Religiões*, III, 78; a segunda (com círculos concentricos) tem provavelmente também significação symbolica, paralela á da fig. 203 das *Religiões*, III, 421;

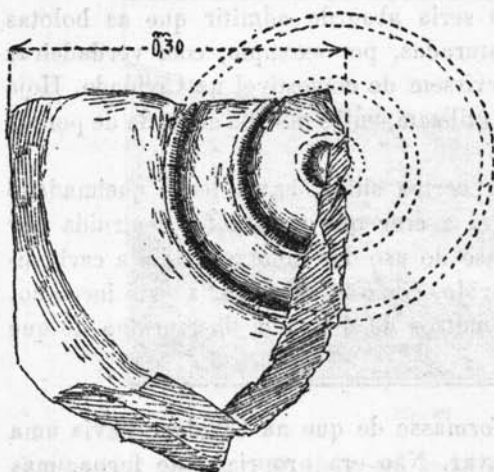


Fig. 23



Fig. 24

quanto á terceira, cfr. algumas das figuras publicadas na mesma obra, p. 440, pelo menos quanto ao aspecto. Em paredes de casas do lugarejo da Cividade, aonde fui mais de uma vez, ha algumas pedras que parecem ter para ali ido do castro, pois são igualmente insculpturadas.



Fig. 25

III. Visita em 1923:

Em 1923, estando no Pêso, voltei á Cividade (á povoação e ao castro).

Na povoação encontrei á entrada de uma casa a parte inferior de uma *mola manualia*, isto é, a *meta*, de granito, partida em duas; altura do objecto uns 0^m,55; diametro em cima, uns 0^m,23. Vid. fig. 25.

No monte depararam-se-me, como da primeira vez, pedaços de outras mós, e de tegulas romanas. Disseram-me que, além da casa excavada em 1903, se haviam lá descoberto alicerces de outras casas, quer redondas, como aquela, quer quadrangulares.

IV. Idolo zoomorfico:

Não cessam de aparecer, de ano para ano, antigualhas no castro.

Em 1924, por exemplo, um barbeiro da Cividade deu-me no Pêso o curioso objecto de granito que vai desenhado na fig. 26, o qual tem de comprimento 0^m,317, de maior altura 0^m,147, e de maior largura 0^m,115. Parece representar uma cabeça de porco, que, apesar de estar toscamente esculpida, deixa perceber o focinho, bastante comprido, o rasgado da bôca, as narinas, e os olhos; tem uma particularidade digna de nota: fórma só por si um todo, isto é, não se separou de um corpo, foi logo assim feito de começo. E para quê? A circums-

tancia, em que appareceu, poderá explicar o seu destino. Informou-me o barbeiro de que ele estava fixo horizontalmente, a modo de braço de cabide, no lado interno da parede de uma casa redonda, que individuos dos arredores descobriram ao arrancarem

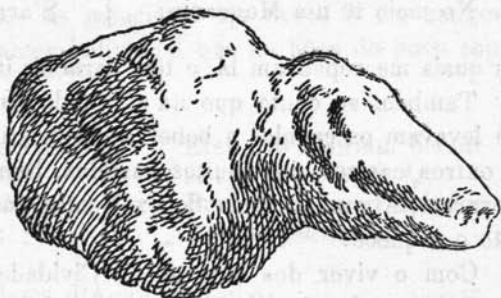


Fig. 26

um *canhoto* (tronco e raiz) de pinho: por isso eu supponho que seria uma especie de idolo, defensor da casa, e pertencente á mesma classe dos de Sabroso, de que tratei nas *Religiões*, III, 29 sgs.

As paredes da casa eram feitas de pedra miuda, e capeadas por cima: parece que estavam pois ainda intactas. Tanto a altura como o diametro da casa regulavam por dois metros, segundo disse o barbeiro. Deve entender-se que a casa estava primitivamente coberta de colmo ou de giestas, como ainda agora algumas habitações de aldeias sertanejas, e certas cabanas do campo. Dentro da casa appareceram, na ocasião do achado, cinzas, fragmentos de vasilhas, muitos d'eles com vestigios de terem estado ao lume, e carvão vegetal: o que tudo pôde significar, como é fácil imaginar, resto de uma lareira.

O barbeiro, quando me falou d'este objecto, chamou-lhe sardão; mas a semelhança maior creio ser, como disse, com um focinho de porco.

V. Lendas da Cidade:

Por todo o territorio portuguez o povo attribue aos Mouros qualquer ruina ou monumento arcaico: os Mouros habitaram ali, os Mouros fizeram aquilo. Na Cidade acontece naturalmente o mesmo.

D'antes era *cidade dos Mouros*; depois o nome mudou-se em *Cidade*. Nunca o povo se cansa de inventar etimologias! Em volta do monte havia só *Mourama*; aqui porém, na Cidade, ficava a cidade d'elles. Assim ouvi aos habitantes do lugarejo, que tanto tinham este em mente como o castro. Um fraco poeta popular da localidade dedicou ao assunto os seguintes versos:

O lugar da Cidade		Eu tambem queria ver
No meio tẽ n-a Mourama:		S'arranjava ãa madama...

os quais me repetiram lá, e têm character individual.

Tambem se conta que na Cidade havia um buraco por onde se levavam os cavalos a beber a um proximo regato: lenda comum a outros castros, e a muitos castelos. Bem se sabe que os Mouros gozaram, e gozam, fama de excelentes cavaleiros: e o nosso povo não o esquece!

Com o viver dos Mouros na Cidade se relaciona a tradição de que num local, que ainda se mostra, crescêra alto e negro cipreste, que eles temiam muito, por gerar escorpiões; e por tal motivo deitaram-lhe fogo. Pois que o escorpião morde quem se lhe aproxima, dizem no Alto-Minho, como proverbio:

Mordedura de escorpiom:
Procura o ferro e o lugom,

entende-se, para o matares¹. Tudo isto se resume nuns versos, feitos pelo mesmo ou quejando rimador, que os entregou á tradição, d'onde os colhi:

No lugar da Cidade		No meio do <i>alcipreste</i>
Havia um <i>alcipreste</i> ,		Geravam-se os <i>scorpions</i> ,
Onde os Mouros duidavam ²		D'onde <i>deziã</i> nos Mouros:
Que se levantava a peste.		Procura o ferro e os <i>lugons</i> .

¹ *Procura*, isto é: procura tu. *Lugom*, enxada (em portuguez arcaico, *legom*; do latim ligo, -onis).

² Por *cuidavam*.

Um dia os Cristãos, cansados da tirania dos Mouros, expulsaram-nos da Cidade:

Os Mouros d'esta Mourama
Já se acabaram todos,

Que se levantára a guerra,
E já lhe puseram fogo...

versos devidos a inspiração analoga á dos outros que até aqui tenho resumido. Neles se faz referencia, segundo parece, aos vestígios de incendio que, como vimos no cap. I, se descobrem nas ruínas do castro. O povo é muito observador; não deixa escapar nada!

No momento em que os Mouros se retiravam, um dos cavalos em que iam montados estampou uma pata num penedo da Cidade, que depois foi quebrado. Lendas de pègadas de animais ou de pessoas, como a presente, abundam no tesouro das nossas tradições populares, e já por vezes as mencionei em livros e em artigos¹. Eis outras rimas de character individual que da bôca do povo copiei na Cidade:

Os Mouros d'esta Mourama
Já morreram sem *cessão*²
Qu'elles já fugiram todos
Carregados de paixão:

Eles não queriam deixar
A sua *naturização*³,
Preferiram morrer todos
Na sua *patriciação*⁴.

Senhora d'Agua de Lupe
Nem uma folha lhe destes:
Os Mouros da Cidade
Não faziam o que tu fizestes!

A Senhora de Guadalupe venera-se numa capelinha que fica perto do lugar de Crastos (a menos de um quilometro), na frèguesia de Paderne. O povo do Minho, sentimental como é, acrescenta: vinha o inimigo, isto é, os Cristãos, em cima dos Mouros, e eles, coitadinhos, viraram-se para a Senhora, sem os outros saberem, e pediram-lhe, mas em vão, que detivesse os contrarios. A última quadra não passa de variante *ad hoc* de uma conhecida cantiga popular:

Fostes ao Senhor da Serra,
Nem um anel me troufestes:

Nem os Mouros da Mourama
Fazem no que tu *fijestes*!

¹ Vid., por exemplo: *Religiões* I, 381(–382), e nota 4.

² Por *sucessão*.

³ Isto é: a sua *naturalidade*, a Cidade!

⁴ Isto é: na sua *patria*! na Mourama, em Africa.

É curioso como os poetas populares aqui se apoderaram de lendas, e as tornaram objecto de versificação: facto que não tenho observado com frequência, embora por toda a parte os verzejadores da aldeia se inspirem em acontecimentos de ocasião, crimes, guerras, naufragios, e os ponham em rima.

Temos ainda mais versos:

O lugar da Cidade
No meio tem dois torrões,

Onde os Mouros depositaram
As suas obrigações...

que o povo explica dizendo que as «cozinhas» dos Mouros eram debaixo de *torrões*. Mas aqui deve ser *torreões*. Como as casas estão soterradas, o povo facilmente mudou *torreão* em *torrão*.

Os Mouros, ao partirem, não levaram tudo consigo, deixaram alguma lembrança. Ainda hoje, na cozinha do Valente, camponio da Cidade, e numa lage que tem á porta, se ouve em certa noite uma Moira (encantada) tecer num tear: *tecer oiro*, já se adivinha!

Muitas riquezas ficaram tambem enterradas e escondidas em minas, isto é, encantadas. O mesmo Valente, possuidor de um *roteiro* manuscrito, encontrou uma vez dinheiro, mas teve a má ideia de o emprestar; logo um vizinho lhe applicou esta satira, que o povo repete sorrindo:

Encontraste a mina d'ouro,
Mas deixaste'la ficar:

O que encontraste dentro d'ela
Já o deixaste escapar!

Talvez nem todos os leitores saibam o que são *roteiros*, no sentido supra mencionado. Um *roteiro* é uma lista de lugares em que se indica estar guardado ouro ou semelhantes haveres. Primeiro estes roteiros andaram de mão em mão, copiados á pena; depois incluíram-nos no *Livro de S. Cipriano*, que corre impresso desde os meados do seculo XIX. O S.^{or} Adolfo Coelho, num artigo que na *Revista Lusitana*, I, 166-174, consagrou àquella obra, diz que a mais antiga edição por ele conhecida datava de 1875; eu contudo possuo uma de 1849, de que publiquei o frontispicio n-*O Arch. Port.*, XXIII, 315, e, além de outra sem data, possuo uma do Rio de Janeiro de 1876, que deve ser reprodução da de 1875. Apesar de publicados no *Livro de S. Cipriano*, continuam a existir nas mãos do povo cópias manuscritas de roteiros, e do mesmo modo possuo algumas: e uma analoga ás nossas, igualmente manuscrita, vi nas Asturias, em hespanhol, em 1922.

A par de roteiros em prosa, sempre cheios de fantasias, o povo conhece muitos em verso, de fôrma tradicional, que vai adaptando

a cada localidade onde suspeita que se guardam tesouros. Na Cidade copiei da bôca do povo os seguintes, que são variantes uns dos outros:

- a) Entre Coté e Cividé
Tres minas é:
Ûa d'ouro e outra de prata,
E outra de veneno que mata.
- b) Em vez de «entre Coté e Cividé» dizem
tambem «entre Côto e Cividé».
- c) Entre Côto e Arroté
E Cividé
Hai ãa mina d'ouro e ãa de prata
E outra de veneno que mata.
- d) Entre a Cividé e Arroté
Tres minas é:
Ûa de ouro e outra de prata,
E outra de rosaltar.

Coté está por *Côto*, que designa um alto em que está a capela da Senhora de Guadalupe, a que já aludi. *Arroté* está por *Arroteia*, nome de um lugarejo de tres ou quatro casinhas na mesma frêguesia, abaixo de Crastos. *Cividé* é o mesmo que *Cividade*. O povo não explica a razão do desfiguramento dos nomes, só diz que eram esses os nomes no tempo dos Moiros; talvez realmente assim se fizesse para lhes dar character arcaico, e ao mesmo tempo para se fingir que os Moiros, com tal desfiguramento, queriam desorientar os Cristãos, e evitar que descobrissem as riquezas deixadas por eles. Tambem na Beira os rapazes, ao descobrirem numa arvore ou numa parede um ninho de ave com ovos ou com passarinhos, não dizem nunca *ovos* ou *passarinhos*, mas *pedrinhas* e *caçapos*, para as formigas lá não subirem, e os não destruirem¹.

¹ Vid.: as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 270-b e cfr. pp. 195-196; e A. C. Pires de Lima, *Trad. pop. de S. Tirso*, I, 39 (extr. da *Rev. Lusit.*, XVII).—Estas superstições levam-me a mencionar o costume que têm certos povos de não proferirem o seu nome, sobretudo diante de um estrangeiro, ou de o trocarem por uma palavra de significação vaga, como: *irmão*, *amigo*, *urso*, etc. Vid. R.

Sei de muitos roteiros versificados como estes, e alguns d'elles tambem com desfiguramento de nomes na sua terminação.

O que se diz das minas de *ouro*, *prata* e *rosalgar* é tradição muito corrente a respeito de outras ruínas; só em vez de mina de *rosalgar* (palavra aqui empregada por causa da rima) é mais freqüente dizer-se mina de peste. A este proposito posso citar uns lindos versos de Macedo Papança intitulados *Arças de Montemor*.

Alem dos versos que a cima transcrevi, uns de caracter popular, outros de caracter individual, e apenas popularizados, colhi as tres seguintes quadras referentes á Cidade, inteiramente tradicionais:

O lugar da Cidade
É lugar de poucos homens:
Esses pouquinho que hai
Chama-se-lhe *Remenda-foles*.

A Cidade dos Mouros
Hei-de mandá-la doirar
Com pontinhas de alfinetes
Para o meu amor passear.

No lugar da Cidade
Me prometeram pancadas:
Queira Deus não *assucedá*
Quem nas prometeu levá-las!

Na primeira d'elas observa-se o curioso costume que tem o povo de dar alcunhas ás povoações, semelhantes ás que dá aos individuos.

VI. Observações gerais:

É possível que, excavando com maior amplitude o castro da Cidade, apareçam outras antigualhas. As que, por ora, conhecemos são mui escassas, e não permitem que se estabeleçam grandes comparações etnograficas. Em todo o caso vê-se que umas pertencem á civilização da epoca do ferro (ou lusitana, propriamente dita), e outras á civilização romana. E no decorrer d'estes artigos encontraremos outros castros semelhantes a este, no aspecto e no conteudo.

Quanto ás lendas, os leitores não me levarão a mal que, apesar de ser arqueologica a presente revista, eu me demorasse um pouco a mencioná-las. É que temos aí ecos do passado!

Andree, *Ethnographische Parallel. und Vergleiche*, t. I, Estugarda 1878, p. 179. Ha nisto evidentemente receio de que alguém faça feitiços com o nome, que é tido como parte integrante do homem. Cfr.: Tuchmann, «La fascination», in *Mélusine*, ix, 108; R. Hirzel, *Der Name*, Leipzig 1918, p. 23.

Nota acêrca das gravuras:

As figs. 4 a 6 e 26 assentam em desenhos de Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnologico; as figs. 7 a 20 e 22 a 24, em desenhos de Guilherme Gameiro, antigo Desenhador (hoje falecido) do mesmo Museu; as figs. 1 a 3, 21 e 25, em esquemas feitos por um curioso.

II

Castro de Belinho

Sobranceiro á quinta de Belinho¹, frêguesia de S. Paio d'Antas, concelho de Espôsende, — propriedade do grande Poeta lírico Antonio Correia de Oliveira e de Sua Ex.^{ma} Esposa a Senhora D. Maria Adelaide da Cunha Sotto-Mayor Correia de

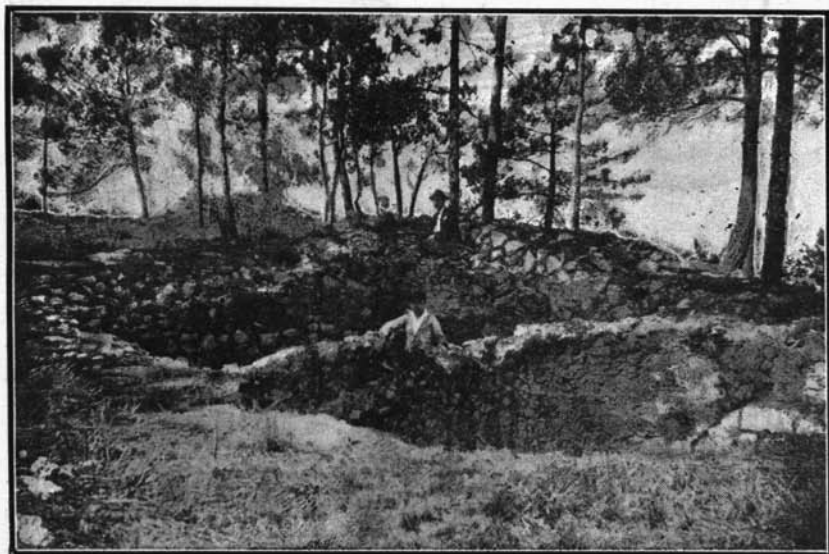


Fig. 27

Oliveira —, ha um monte muralhado, chamado *Cividade*, que, como o nome, as muralhas, e os achados de que vou falar, o declaram, pertence á classe dos *castros*. Este monte, que visitei no outono de 1924, está coberto de pinhal (fig. 27), cercado de campos e

¹ Não se confunda *quinta do Belinho*, com *frêguesia de Belinho*, que lhe fica contigua, ao Norte.

matas nas baixas, e levanta-se avulso á vista do mar, que lhe fica ao Poente. Do lado do Sul ha escarpas, que o defendem naturalmente; segue-se-lhe um vale, do mesmo lado, e ao longe o monte das Aras. O monte tem alguns aterros grandes, e parece que várias muralhas, de que vi duas (fig. 28), *C* e *D*, que tinham respectivamente a seguinte espessura: 1^m,65 e 0^m,45, separadas uma da outra por um interstício, *E*, de 0^m,45, e situadas atrás de duas casas antigas que o Poeta ali desaterrou, *A* e *B*. É possível que o que chamei «duas muralhas» corresponda apenas a duas partes de uma unica; só fazendo-se longa excavação, se poderá apurar a verdade.

A casa *A* é sub-rectangular, e a casa *B* oval. As pedras que formam



Fig. 29

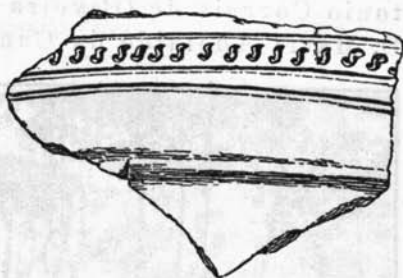


Fig. 30

as paredes estão juntas entre si por argamassa. Para a casa *A* aproveitou-se como alicerce a rocha natural. Ainda hoje no Minho, e noutras provincias, se observam alicerces analogos em casas modernas.

Medidas da casa *A*: $a b = 4^m,50$, $c d = 2$ metros; espessura das paredes = 0^m,33 a 0^m,37.

Diametro da casa *B*: 3^m,60.

Distancia, *i - j*, entre as casas e as muralhas: 0^m,40 a 0^m,55.

Uma das casas, no seu estado actual, tem 1^m,50 de altura, desde o fundo até o nivel mais elevado das paredes; outra é menos alta. Em nenhuma d'elas ha vestigio de portas, o que prova que se entrava, com escada exterior, por alguma abertura que existia um tanto acima do solo.

Já dentro das casas, já fóra, encontrou o Poeta varios objectos, ou fragmentos de objectos, que me mostrou, e de que me deu alguns para o Museu Etnologico. Classificá-los hei assim:

a) Objectos pre-romanos:

—mós de caracter primitivo, isto é, excavadas, para trabalhar nelas um rebôlo, com movimento de vai-vem;

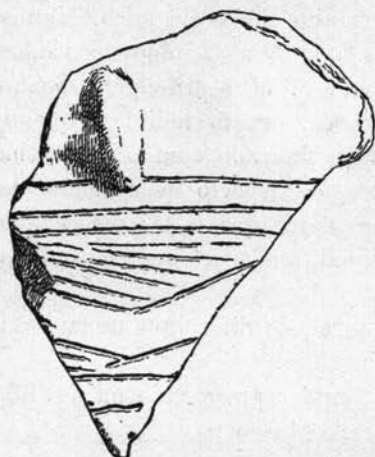


Fig. 32

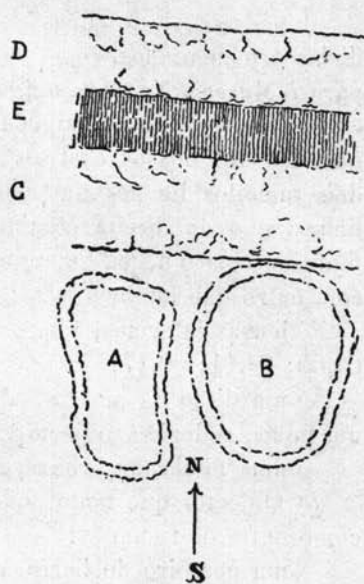


Fig. 28

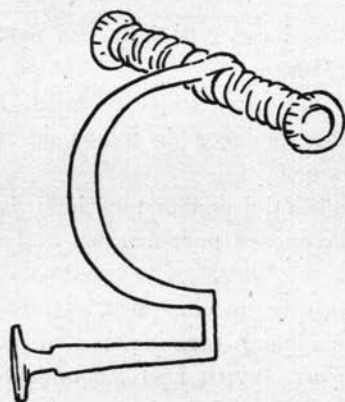


Fig. 34

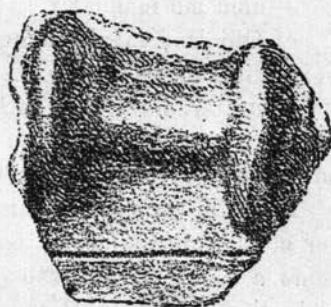


Fig. 31

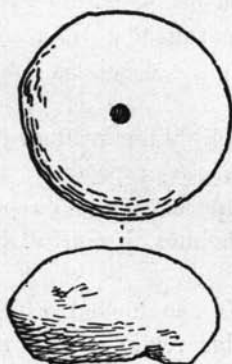


Fig. 35

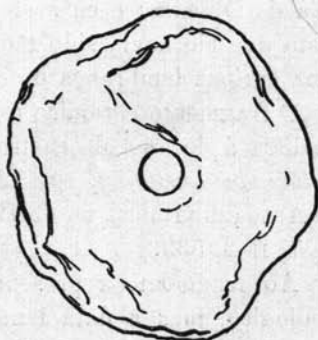


Fig. 33

—pedaços de vasilhas de barro, muito cheios de mica, alguns d'elles ornamentados, como consta das figs. 29 a 32 (objectos vindos para o Museu). No pedaço figurado com o n.º 30 o principal desenho consta de *SS* ou palmipedes estilizados, ornato muito freqüente na loiça dos nossos castros. No pedaço figurado com o n.º 31 ha dois mamilos ligados um com o outro, de aspecto de carrinho de linhas, e o da direita continuava com outro que falta; no pedaço figurado com o n.º 32 ha um mamilo igual, que se vê que continuava com outro que também falta;

—lousas informes, com orificio central, de diferentes tamanhos: 0^m,05; 0^m,11; 0^m,17;

—um disco da mesma substancia, aqui representado na fig. 33, um pouco reduzido (objecto vindo para o Museu);

—uma fibula, de bronze, fig. 34.

b) Objectos que tanto podem classificar-se entre os pre-romanos como entre os romanos:

—um cossoiro de barro, excavado na base, e globular na parte superior, fig. 35 (objecto vindo para o Museu);

—uma mó manuarial.

c) Objectos manifestamente romanos: pedaços de telhas de rebordo, isto é, de *tegulas*.

Informaram-me que as lousas de que falei podem ter vindo das louseiras das Marinhas, ou de Fão, povoações pertencentes ambas ao mesmo concelho de Espôsende.

A fibula (fig. 34), de arco anguloso, que em cima se transforma em mola espiraliforme e bilateral, e em baixo termina num disco, como a fibula de Sabroso (*O Arch. Port.*, XVIII, 18 e 19 nota 1), é do tipo que José Fortes na *Portugalia*, II, 16, chamou de *Sabroso*, e pertencerá ao fim de Halstatt ou começos de La Tène: cfr. *O Arch. Port.*, XXIV, 106. Esta fibula ficou em poder do S.^{or} Correia de Oliveira; e eu realmente não tive coragem de lh'a cobiçar, visto que ele havia sido tão generoso comigo, e desejaria ficar com uma curiosa lembrança do castro.

O fragmento ceramico representado na fig. 29 tem ornamentação, analogia á de uma do castro dos Arados, a qual reproduzi nas *Religiões da Lusitania*, III, 129, onde a comparei com a do periodo de Arnoaldi (Italia), ou de Halstatt III (*Déchelette, Manuel d'Archéologie*, II-2, 539).

Ao fragmento representado na fig. 30 não encontro paralelo tipologico, mas a data tanto d'ele como dos restantes é a mesma da fig. 29.

*

Este castro ou cidade, no seu conjunto, e no estado em que por ora o conhecemos, não difere do geral dos *oppida* lusitano-romanos, visto que nele se vislumbra já um pouco da civilização do povo-rei.

J. L. DE V.

A Pedra d'Anta ou um monumento megalítico na Beira-Baixa¹

SUMÁRIO. — Localização. — Estado de conservação. — Aspecto exterior e constituição. — Petróglifos. — Orientação. — Processo e resultado da exploração. — Natureza do espólio: contas de colar, artefactos de pedra polida, sílices lascados, percutor, simulacros de pontas, cerâmica. — Caracterização. — Aditamento: duas antas destruídas.

Em Maio de 1904 fazia eu a minha segunda excursão à Beira Baixa, ou melhor à «campanha» da *Idanha*, com o fito de explorar um monumento megalítico que o bom prior de *Medelim*, Rev.^{do} José Joaquim da Costa, me tinha denunciado.

É com o relatório dessa exploração, que venho preencher algumas páginas do presente volume d-*O Archeologo Português*.

O referido monumento é conhecido na região com o apropriado locativo de *Pedra d'Anta* (Pedra da Anta) e está situado entre *Medelim* e *Idanha-a-Velha*, fronteiros de *Monsanto*, sobre um caminho que ligava as duas povoações e à esquerda, quando se viajava do primeiro para o segundo povo, numa pequena eminência do terreno, donde aliás se descobre um largo horizonte. Na *Archeologia do distrito de Castelo Branco*, Tavares de Proença Júnior diz (p. 10) que também lhe chamavam *Anta Grande*, por opposição a outro monumento conhecido por *Anta Pequena*. Administrativamente, pertence ao concelho de *Idanha-a-Nova*.

Desejando-se uma referência à Carta Geodésica, a situação d'este megálito determina-se, procurando um ponto próximamente a SE.-S.,

¹ Este estudo pertence à série do mesmo autor *Ruínas de Ruínas* ou *Estudos Igeditanos*, e tem o n.º V.